

PMDB escolhe Jader e mantém força no governo

Decisão afasta pressões de ACM e tenta garantir ao partido presença na aliança, mesmo no caso de uma reforma ministerial

Anamaria Rossi e João Domingos de Brasília

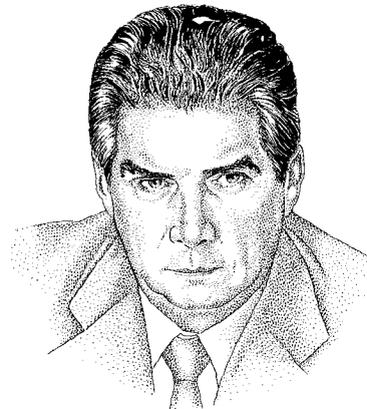
A escolha de Jader Barbalho (PA) como o candidato do PMDB à presidência do Senado deu ao partido a garantia de que sua presença no governo não sofrerá arranhões, nem mesmo em uma eventual reforma ministerial. Os ministros Eliseu Padilha (Transportes), Fernando Bezerra (Integração Nacional) e Ovídio de Angelis (Secretaria de Desenvolvimento Urbano) devem ser mantidos em seus cargos se Jader for eleito em 14 de fevereiro.

Além disso, a expressiva votação que o líder e presidente nacional do PMDB obteve entre seus pares em reunião da bancada, ontem, para a escolha do candidato — 23 votos a favor, um contra e uma abstenção — coroa o empenho de Jader pela unificação de um partido que chegou à beira do esfacelamento.

Mais que uma vitória pessoal do senador, a decisão da bancada repre-

sentou uma posição corporativa em defesa da legenda contra pressões externas, especialmente as do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), presidente do Senado, que lançou e alimentou até o último momento a eventual candidatura de José Sarney (PMDB-AP) à sua sucessão. Sarney sequer apareceu na reunião.

Mas se Jader e o PMDB podem comemorar vitória nesta etapa do jogo sucessório, o governo também tem bons motivos para ficar satisfeito. Ao mesmo tempo em que afasta de um front estratégico — a presidência do Senado e do Congresso — a influência de Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), quando ele está mais enfraquecido, o Executivo pode ganhar, com a vitória de Jader, um aliado forte e que não costuma dar muito trabalho. E, para alegria dos tucanos e de alguns estrategistas do Planalto, sem a presença sempre temperamental de ACM, o governo estará mais à vontade para reforçar o



Jader Barbalho

discurso social e livrar-se do estigma do neoliberalismo que costuma acompanhar o PFL.

Na reunião do PMDB, Jader mencionou o nome de Antonio Carlos apenas uma vez. Foi na abertura dos trabalhos, quando disse que vinha sofrendo os mais pesados ataques, as mais degradantes denúncias e as

piores difamações. Afirmou que não há nenhuma denúncia confirmada contra si e que, de todas as formas, Antonio Carlos quis jogá-lo contra a opinião pública, tentando forçá-lo até a brigar com alguns órgãos de imprensa, como a revista "Veja". Com essa tática, Jader foi criando um espírito de corpo dentro do PMDB. Ao terminar seu discurso tinha à sua volta um PMDB quase inteiramente unido por sua candidatura à presidência do Senado.

O primeiro a falar depois de Jader foi o senador Ney Suassuna (PB), que há cerca de cinco anos recebeu uns tabefes do próprio Antonio Carlos. Suassuna lembrou o episódio, citou agressões de Antonio Carlos ao ex-senador Humberto Lucena (já morto) e acrescentou que a tática do hoje presidente do Senado é a da intimidação. "No nosso partido, Antonio Carlos acabou sendo o melhor cabo eleitoral", afirmou Suassuna depois da reunião.

A linha em torno de Jader era tão forte que o senador Pedro Simon (RS) chegou a declarar que em circunstâncias normais o senador paraense não seria seu candidato. Mas levando-se em conta os ataques de Antonio Carlos a Jader Barbalho, não haveria mais nada que fazer. Contrário mesmo a Jader houve apenas um voto: o do senador Roberto Requião (PR), que declarou: "Gosto do Jader mais novo; não gosto do Jader mais velho". E o senador José Fogaça (RS), que pelo menos em três oportunidades foi prejudicado por Jader, preferiu abster-se. Jader impediu Fogaça de se tornar líder do PMDB, líder do governo e ministro da Justiça.

Por fim, restava saber como se comportaria a chamada "bancada Sarney", composta pelos senadores Gilvan Borges (AP) e João Alberto (MA). Não houve surpresas. Eles disseram que haviam conversado com Sarney e que o ex-presidente votaria no candidato escolhido pelo PMDB. Borges chegou a dizer que seu primeiro líder é Sarney e que o segundo é Jader Barbalho.

A escolha de Jader por esmagadora maioria no PMDB levou a oposição a superar divergências internas e a lançar ontem mesmo o seu candidato à presidência do Senado, o senador Jefferson Péres (PDT-AM). Deixando a porta aberta para rever a

decisão em favor de um candidato — do próprio PMDB, mas que não seja Jader — que represente o consenso entre os partidos que compõem o Senado. Péres sai com o apoio dos quatro partidos de oposição com assento na Casa: o PT, com sete senadores, o PDT, o PPS e o PSB, com três representantes cada.

O PPS, que até a véspera alimentava a esperança de emplacar o senador Carlos Wilson (PE) na primeira vice-presidência, ao lado de Jader, e o PSB, que já se aproximava do peeme-

"No PMDB, o senador Antonio Carlos Magalhães acabou sendo o melhor cabo eleitoral", afirmou Ney Suassuna (PB)

debista, recuaram e aderiram à estratégia do PT e do PDT para tentar tirar a oposição do papel de espectadora do processo sucessório.

O PSDB reagiu com cautela a definição do PMDB. O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, afirmou que só nos próximos dias será possível ter um quadro definitivo da sucessão na Câmara e no Senado. Pimenta evitou comentar as brigas na base aliada e disse que não sabe se haverá reforma ministerial, como se especula. Por intermédio do porta-voz Georges Lamazière, o presidente Fernando Henrique Cardoso reiterou sua posição de não interferir na sucessão. "É uma questão do Legislativo e dos partidos", reafirmou o porta-voz, acrescentando que o presidente está informado de que nenhum dos seus ministros participa da disputa.